

Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas**

2016

PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA / TURMA PDE - 2016

Título: Ensino de Ética por meio das Histórias em Quadrinhos	
Autor: Cleyson Mendes Soares	
Disciplina/Área:	Filosofia
Escola de Implementação do Projeto e sua localização:	CE Prof. Mailon Medeiros - EFMP
Município da escola:	Bandeirantes
Núcleo Regional de Educação:	Cornélio Procópio
Professor-Orientador:	Prof. Me. Gerson Vasconcelos Luz
Instituição de Ensino Superior:	Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP
Relação Interdisciplinar:	Língua Portuguesa
Resumo:	<p>A análise sobre as possibilidades, motivações e consequências das condutas humanas são objetos de investigação ao longo da história. A presente Produção Didático-Pedagógica tem por objetivo aliar os conhecimentos da tradição filosófica e os interesses dos alunos enquanto sujeitos do conhecimento. Utilizamos como possibilidade de mobilização para as discussões as reflexões abordadas nas Histórias em Quadrinhos que podem ser problematizadas e sistematizadas do ponto de vista da reflexão filosófica. As Histórias em Quadrinhos estão presentes no cotidiano dos alunos por meio de produções cinematográficas, principalmente nos últimos anos, ampliando o conhecimento do público em geral sobre o contexto destas histórias e suas diferentes significações, potencializando a necessidade de conhecimento da produção impressa destas obras. Estas ações permitem identificar os conceitos morais presentes nas Histórias em Quadrinhos, além de compreender sua relação com o cotidiano escolar. É possível estabelecer o campo de investigação da Ética, explicar pensadores da tradição filosófica, além de conceituar as suas principais discussões. Cabe a partir da leitura das Histórias em Quadrinhos e pensadores clássicos da Filosofia problematizar, conceituar e discutir quais os princípios das condutas humanas e projetá-los para o contexto escolar.</p>
Palavras-chave:	Ética; Histórias em Quadrinhos; Cotidiano Escolar
Formato do Material Didático:	Unidade Didática
Público:	Professores e alunos do Ensino Médio

1 – APRESENTAÇÃO

Esta Produção Didático-Pedagógica tem por objetivo aliar os conhecimentos da tradição filosófica e os interesses dos alunos enquanto sujeitos do conhecimento. Como desdobramento, visa interpretar o contexto escolar, conseqüentemente uma visão macro da sociedade, por meio da Ética, enquanto campo de investigação, e dos conceitos éticos presentes na tradição filosófica. Dessa forma, devemos estabelecer o campo de investigação da Ética, explicar alguns pensadores da tradição filosófica que abordam o tema e conceituar as principais discussões.

Estas ações permitem identificar os conceitos morais presentes nas Histórias em Quadrinhos, além de estabelecer sua relação com o cotidiano escolar por meio de sua problematização. Assim, é possível compreender a realidade do contexto escolar e da sociedade como um todo.

A opção por esta abordagem surgiu do seguinte problema: Como trazer os conceitos do campo de investigação Ética e as reflexões inerentes ao seu estudo, contidas na tradição filosófica, para a realidade escolar dos alunos?

Esta Unidade didática se destina à professores que lecionam para alunos do segundo ano do Ensino Médio, partindo da organização dos conteúdos sugeridas pela SEED/DEB.

2 – MATERIAL DIDÁTICO

2.1. Contextualização

Como possibilidade de mobilização para as discussões da tradição filosófica e dos textos clássicos da Filosofia, especificamente da Ética, possuímos diferentes temas e reflexões abordadas nas Histórias em Quadrinhos (HQs) que podem ser problematizados e sistematizados do ponto de vista da reflexão filosófica.

Estas discussões, contidas nas HQs por meio de elementos simbólicos, permitem estimular o aluno a refletir sobre as próprias condições presentes no cotidiano e que exige tomada de decisão.

A difusão deste tipo de produção entre os alunos é cada vez mais marcante, como é percebido no cotidiano escolar, trazendo conseqüências para a prática pedagógica do professor e exigindo o entendimento deste fenômeno e

uma análise sistemática de suas implicações. Dessa forma, é preciso partir desta investigação para a compreensão dos elementos necessários para a modificação do trabalho docente.

2.2. Importância do Estudo de Ética

A análise sobre as possibilidades, motivações e consequências das condutas humanas são objetos de investigação ao longo da história e, quando nos referimos especificamente à cultura ocidental, possuem suas primeiras sistematizações na antiguidade grega.

Podemos definir, a princípio, por meio desse cenário Ética sendo

Em geral, ciência da conduta. Existem duas concepções fundamentais dessa ciência: 1º a que a considera como ciência do fim para o qual a conduta dos homens deve ser orientada e dos meios para atingir tal fim, deduzindo tanto o fim quanto os meios da natureza do homem; 2º a que a considera como a ciência do móvel da conduta humana e procura determinar tal móvel com vistas a dirigir ou disciplinar essa conduta. (ABBAGNANO, 1998, p. 380)

É neste sentido que entendemos a importância do estudo de Ética como campo de investigação no contexto escolar. Não é possível tratarmos de relações humanas sem nos ater aos modos como são discutidas e efetivadas as normatizações da conduta humana.

Devemos afastar desta interpretação qualquer viés moralizante, no sentido comum do termo, tendo em vista que o estudo de Ética possui exatamente o rigor metodológico trazido pela Filosofia. O objetivo não é determinar frente aos alunos quais as ações devem ser elogiadas ou recriminadas, ou ainda como o agente social deve se comportar, mas sim, identificar, compreender e conceituar as motivações e objetivos humanos frente aos desafios que são postos em sociedade.

Partindo desta compreensão podemos definir a função do estudo de Ética enquanto conteúdo escolar

A ética possibilita análise crítica para atribuição de valores. Pode ser ao mesmo tempo especulativa e normativa, crítica da heteronomia e da anomia e propositiva na busca da autonomia. Por isso, a ética possibilita o desenvolvimento de valores, mas pode ser também o espaço da transgressão, quando valores impostos pela sociedade se configuram como instrumentos de repressão, violência e injustiça. (SEED, 2002, p. 57)

A interpretação de diferentes pensadores, em diferentes épocas, nos

auxilia na proposta de instrumentalizar os alunos com referenciais teóricos que elucidam o tema a partir de um contexto histórico, mas também estabelecem conceitos que norteiam a investigação independente de época ou local, trazendo consigo o caráter científico que o debate requer.

Os referenciais teóricos possibilitam que os alunos identifiquem os problemas de seu próprio tempo, em seu próprio contexto, e proponham formas de compreendê-los ou superá-los.

2.3. Uso de História em Quadrinhos em sala de aula

A utilização de diferentes recursos pedagógicos em sala de aula parte da proposta de se trabalhar os conhecimentos disciplinares de forma que atenda as necessidades e interesses dos alunos. As HQs atendem este objetivo por conterem temas e discussões apresentados de forma lúdica

[...] elas não trazem só o divertimento; se expõe de uma forma perspicaz às questões referentes à ética e moral, que todo “ser normal” enfrenta em seu dia-a-dia. Estas histórias introduzem e abordam de forma vivida as questões de suma importância enfrentadas pelos seres humanos, as questões referentes à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino, ao sentido de nossa vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, ao papel da fé na aspereza deste mundo, à importância da amizade, ao significado do amor, à natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas. (WESCHENFELDER, 2012, p. 3)

Apesar da origem das HQs estarem atreladas a um período anterior acaba

Consolidando-se como linguagem na mídia imprensa norte-americana do século XIX, a história em quadrinhos concentrou-se em conteúdos humorísticos e esteve inicialmente voltada para o público menos letrado, abordando com comicidade as mazelas do operariado, dos núcleos familiares de classe média e baixa, contemplando também a possibilidade do protagonismo feminino, de minorias sociais e étnicas (BARI, 2008, p. 44)

Essas características das HQs tornam este tipo de gênero textual um importante recurso pedagógico, principalmente no que se refere a mobilização dos alunos para as discussões que serão tratadas em sala de aula e que estão contidas no contexto escolar. Cabe ainda destacar a possibilidade de formação de leitores a partir da HQ

Assim, o uso da HQ em sala de aula como documento histórico, é uma forma para que o aluno compreenda uma das interpretações possível do acontecimento histórico, que é retratada nos quadrinhos, de acordo com

o contexto no qual foi produzido. Por isso, destaca-se neste trabalho o uso das HQs como estratégia de ensino, pois mesmo diante do desenvolvimento de novos meios de comunicação e entretenimento, cada vez mais variados, rápidos e sofisticados, não impediu que as histórias em quadrinhos, continuassem atraindo um grande número de leitores. (DALAZOANA, 2013, p. 6)

Exemplo de possibilidade de discussão nas HQs é encontrado na saga Guerra Civil da Marvel Comics, no momento em que super-heróis começam a ser presos por não concordarem com as ações do governo. O que é correto fazer em nome da segurança e liberdade? Qual é o caráter da punição? O que é justiça?

A existência da Prisão de Zona Negativa na história é mais um indício do lado escolhido pela editora. A representação da Prisão de Guantánamo só pode aludir aos crimes, privação de direitos e torturas que foram perpetrados pelo governo estadunidense, alvo de críticas e denúncias de desrespeito à Convenção de Genebra (CALLARI, 2014, p. 161)

A ideia de um herói, ou super-herói, não está desvinculada dos elementos que estão presentes em nosso cotidiano. Apesar de apresentados de forma lúdica, os heróis enquanto conceito são representações do que esperamos dos indivíduos comuns da sociedade, “[...] ‘herói’ nas histórias em quadrinhos é utilizado para definir aquele que se diferencia dos demais personagens por seus valores morais e suas ações extraordinárias” (SILVA, 2001, p. 02).

Nesta perspectiva, podemos apontar alguns questionamentos que fazem parte da tradição filosófica e que estão presentes nas HQs. Heróis agem conforme a virtude aristotélica? O que leva o herói a ter uma vontade boa? Age por inclinação egoísta ou por dever? O que é felicidade para o herói? Caso não exista natureza humana, na perspectiva existencialista, por que um indivíduo se torna criminoso? O que seria angústia para o herói? Qual a origem da bondade do herói: bondade ou utilidade? O herói é livre para agir de outra maneira do que o tornou herói?

Todos esses questionamentos podem ser encontrados, com outras roupagens, nas obras de Aristóteles, Kant, Nietzsche e Sartre e estão presentes como elementos simbólicos nas HQs, cabe a partir da leitura destas problematizar, conceituar e discutir quais os princípios das condutas humanas e projetá-los para o contexto escolar.

2.4. Aristóteles e a ação moralmente boa

A condução do indivíduo à ação moral é um dos objetivos da Ética

como encontramos no texto *Ética à Nicômaco*. Toda ação possui uma finalidade, neste caso, um bem, que seria a felicidade. No entanto, só é possível alcançarmos a felicidade por meio de uma vida virtuosa. “A felicidade é, portanto, algo absoluto e auto-suficiente, sendo também a finalidade da ação” (Aristóteles, 200, p. 15).

O papel da virtude é essencial nesta perspectiva. Enquanto disposição do caráter permite orientar a conduta humana tendo em vista o sumo bem, ou ainda a felicidade. Desse modo

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo. (Aristóteles, 2001, p. 38).

Esta mediania permite conduzir as ações humanas, por exemplo, quando analisamos a temperança, coragem, modéstia, magnificência e das conseqüências do excesso e da falta quando correlacionamos com as paixões ou sentimentos.

Como ponto de partida para interpretar uma ação, conseqüentemente uma possível punição, tendo em vista um legislador, Aristóteles distingue ações voluntárias, com conhecimento, e involuntárias, como compulsão ou ignorância, ambas analisadas no momento da ação.

Estes dois termos, voluntário e involuntário, auxiliam na análise sobre o significado da escolha. Tem em vista um fim e o meio para alcançá-lo, sendo

[...] o objeto de escolha uma coisa que está ao nosso alcance e que é desejada após deliberação, a escolha é um desejo deliberado de coisas que estão ao nosso alcance; porque, após decidir em resultado de uma deliberação, desejamos de acordo com o que deliberamos. (Aristóteles, 2001, p. 54)

Toda ação depende do indivíduo, apesar de haver circunstâncias exteriores que possam influenciá-lo. “Logo, depende de nós praticar atos nobres ou vis, e se é isso que se entende por ser bom ou mau, então depende de nós sermos virtuosos ou viciosos” (Aristóteles, 2001, p. 55).

A justiça aparece como forma de estabelecer a interpretação das ações, seus objetivos, conseqüências e a forma como podemos julgá-las.

Portanto, a justiça neste sentido não é uma parte da virtude, mas a virtude inteira; nem é seu contrário, a injustiça, uma parte do vício, mas o vício inteiro. O que dissemos põe a descoberto a diferença entre a virtude e a justiça neste sentido: são elas a mesma coisa, mas não o é a sua essência. Aquilo que, em relação ao nosso próximo, é justiça, como uma determinada disposição de caráter e em si mesmo, é virtude. (Aristóteles, 2001, p 99)

Assim, ações podem ser chamadas de justas ou injustas, ressaltando o caráter voluntário ou involuntário da escolha.

2.5. Kant e o princípio do dever

A concepção ética kantiana parte da ideia de uma razão pura prática, ou seja, da determinação a priori de princípios que norteiam a conduta humana e possuam uma necessidade absoluta. Como recorte da teoria kantiana selecionamos o texto Fundamentação da Metafísica dos Costumes que possui como proposta a análise que parte do conhecimento vulgar (ou senso comum) para os princípios da razão pura e propõe uma Metafísica dos Costumes

[...] indispensavelmente necessária, não só por motivos de ordem especulativa para investigar a fonte dos princípios práticos que residem a priori na nossa razão, mas também porque os próprios costumes ficam sujeitos a toda a sorte de perversão enquanto lhes faltar aquele fio condutor e norma suprema do seu exacto julgamento. (KANT, 1964, p. 16)

Para determinar uma lei moral, tal qual evidenciada na teoria kantiana, deveríamos nos pautar em princípios da razão pura, isto é, em conceitos que não possuem influências de elementos empíricos. Esta característica é que distingue uma lei moral de uma regra prática. Apesar de elementos empíricos não serem excluídos da análise de Kant, eles não podem resultar em uma lei moral absoluta e universal. Portanto, a função de uma Metafísica dos Costumes seria a de investigar a fonte dos princípios práticos (KANT, 1964).

Cabe destacar que para Kant o conceito de metafísica refere-se à doutrinas ou filosofia que se apóiam em princípios à priori, depurados todos os elementos empíricos. (KANT, 1964) A experiência auxilia na criação de modelos, mas apenas se segue os princípios do dever

Não se poderia também prestar pior serviço à moralidade do que querer extraí-la de exemplos. Pois cada exemplo que me seja apresentado tem de ser primeiro julgado segundo os princípios da moralidade para se saber se é digno de servir de exemplo original, isto é, de modelo; mas de modo nenhum pode ele dar o supremo conceito dela. (KANT, 1964, p. 42)

O objetivo da obra que utilizamos como referência, e da teoria ética kantiana como um todo, é a busca de princípios universais da moralidade, ou ainda, da conduta humana, baseados na ideia de uma vontade pura. Dessa forma, as ações dos indivíduos possuiriam como fundamento não uma vontade pautada em sentimentos, inclinações ou experiências específicas, mas sim em uma vontade pura de caráter universal definida a priori.

Kant parte da análise de um dos principais conceitos que usualmente empregamos para justificar uma ação boa, a boa vontade. Porém, problematiza esta concepção pela possibilidade de estar atrelada as inclinações pessoais caso não possua como orientação a razão. Assim

A boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão-somente pelo querer, isto é em si mesma, e, considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais alto do que tudo o que por seu intermédio possa ser alcançado em proveito de qualquer inclinação, ou mesmo, se se quiser, da soma de todas as inclinações. (Kant, 1964, p. 23)

Apesar de aliado a princípios a priori, a razão possui um destino prático. O papel da razão é produzir uma vontade boa não por sua utilidade, finalidade ou intenção, mas por seu valor absolutamente necessário. Dessa forma, alcançamos o significado do conceito de Dever. A conduta humana não é boa em si mesma devido a vontade, pois pode estar atrelada a inclinações pessoais, mas é a boa vontade de acordo com o dever de se agir de uma determinada maneira a partir de princípios universais definidos pela razão.

Para interpretar uma ação, ou definir uma ação a ser praticada, deveríamos analisar se somos regidos por inclinações egoístas ou simplesmente por dever, sendo este último que define o valor do caráter, isto é, fazer o bem não por obrigação ou inclinação, mas por dever.

Outros dois princípios são importantes nesta análise. O Princípio do Querer, segundo o qual uma ação tem seu valor na proposição que a determina e não na sua finalidade e o Princípio da Vontade onde são retirados os elementos empíricos para análise da ação e sobressaem os princípios a priori do querer. Assim “[...] dever é a necessidade de uma ação por respeito à lei.” (KANT, 1964, p.31).

Toda conduta humana pautada em princípios morais são regidos pelo

respeito à lei, significado próprio do dever, e esta lei defini-se como uma Lei Universal. Quando precisamos tomar uma decisão devemos fazer a pergunta: a ação escolhida pode ser tornar lei universal? Em resumo

Metafísica dos costumes, completamente isolada, que não anda misturada nem com a Antropologia nem com a Teologia, nem com a Física ou a Hiperfísica, e ainda menos com as qualidades ocultas (que se poderiam chamar hipofísicas), não é somente um substrato indispensável de todo o conhecimento teórico dos deveres seguramente determinado, mas também um desiderato da mais alta importância para a verdadeira prática das suas prescrições. Pois a pura representação do dever e em geral da lei moral, que não anda misturada com nenhum acrescento de estímulos empíricos, tem sobre o coração humano, por intermédio exclusivo da razão. (Kant, 1964, p. 45)

A razão determina a vontade, independente de inclinações e com vistas ao necessário. Segue desta análise o conceito de obrigação como determinação da vontade conforme leis objetivas da razão e não por leis contingentes. Uma ação é boa se determinada por princípios objetivos.

A relação entre lei objetiva e subjetividade do sujeito é o que Kant chama de Imperativo

A representação de um princípio objectivo, enquanto obrigante para uma vontade, chama-se um mandamento (da razão), e a fórmula do mandamento chama-se Imperativo. Todos os imperativos se exprimem pelo verbo dever (sollen), e mostram assim a relação de uma lei objectiva da razão para uma vontade que segundo a sua constituição subjectiva não é por ela necessariamente determinada (uma obrigação). (Kant, 1964, p. 45)

Esta representação pode ser dividida em Imperativo Hipotético ou Imperativo Categórico. O primeiro refere-se a uma necessidade prática, uma intenção possível ou real, já o segundo a ação objetivamente necessária, sem qualquer intenção ou finalidade (Kant, 1964).

Sinteticamente, no Imperativo Hipotético o dever é meio para se alcançar um objetivo e, apesar de ser utilizado para um fim, é baseado em leis objetivas da razão. No Imperativo Categórico o dever é um fim em si mesmo, independente dos resultados ou finalidade, apenas como dever segundo as leis objetivas.

2.6. Nietzsche e a origem do bem e do mal

Em sua obra A Genealogia da Moral, Nietzsche procura investigar a origem dos valores morais que são definidos como orientadores da conduta

humana, por exemplo, altruísmo, compaixão, piedade. Para isto, procura realizar análise histórica da gênese da moral.

Em primeiro lugar, procura identificar a origem da oposição de bem e mal e bom e mau. Dessa forma

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para "bom" cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual - que, em toda parte, "nobre", "aristocrático", no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu "bom", no sentido de "espiritualmente nobre", "aristocrático", de "espiritualmente bem-nascido", "espiritualmente privilegiado": um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz "plebeu", "comum", "baixo" transmutar-se finalmente em "ruim". (NIETZSCHE, 1998, p. 26)

A partir desta visão que Nietzsche estabelece a relação entre a moral dos senhores e a moral dos escravos. A primeira, relacionada à uma aristocracia, onde os "nobres" são caracterizados por uma superioridade e traços de caráter, ou ainda com nobreza da alma; já a segunda, relacionada aos sacerdotes, que inverte esses valores morais afirmando que bom não é ser nobre, mas sim pobre

[...] só os miseráveis são bons, os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons, e ainda aqueles que sofrem, os necessitados, os enfermos, os doentes, os feios são também os únicos seres piedosos, os únicos abençoados por Deus. (NIETZSCHE, 1998, p. 32)

Portanto, essa moral dos escravos surge com o que Nietzsche chama de ressentimento em uma crítica principalmente ao judaísmo e ao cristianismo. A moral dos nobres (enquanto afirmação do próprio indivíduo) é superada e substituída pelo moral do ressentimento que coloca as atitudes dos indivíduos como reação a algo que é externo a ele, concebendo o outro como inimigo, como "mau".

Por meio da cultura que esta concepção se perpetuada como forma de "domesticar a besta humana" (NIETZSCHE, 1998, p.39) e compreendendo que o indivíduo bom é aquele que não subjaz ninguém e vive conforme a humildade. Historicamente, os valores "bom e mau" e "bom e malvado" são debatidos conforme uma visão moral que prevaleceu, isto é, a moral dos ressentidos, a moral do "rebanho".

O conceito de consciência surge da ideia de um indivíduo soberano, que possui liberdade, isto é, poder sobre suas ações. Nietzsche compreende como indivíduo soberano o

[...] indivíduo próximo de si mesmo, o indivíduo livre da moralidade dos costumes, o indivíduo autônomo e supermoral [...] o homem dotado de vontade própria, independente, persistentes o homem que tem o direito de prometer... (NIETZSCHE, 1998, p.57)

A responsabilidade seria um privilégio devido a liberdade, no entanto, para a moral do ressentimento ela surge “unicamente pela moralidade dos costumes e pela camisa de força social” (NIETZSCHE, 1998, p.57). Em consequência, temos os conceitos de falta e má consciência. Eles têm origem assim como a relação entre credor e devedor. Historicamente, a justiça está relacionada à compensação, ao exercício do poder

O vendedor, para inspirar confiança em sua promessa, para dar uma garantia de sua seriedade e honradez, para gravar em sua própria consciência a necessidade de pagamento sob forma de dever, de obrigação. (NIETZSCHE, 1998, p.62)

A sociedade surge como credor nesta perspectiva, sendo o castigo uma forma de privar dos benefícios desta sociedade e da lembrança que o criminoso é culpado. A ideia de dívida, e de culpa, resulta desta relação.

A má consciência teria sua origem quando o homem interiorizou sua vontade, seus instintos devido a forma moralizante dos costumes organizados dentro de uma sociedade. “Esse instinto de liberdade [...] pisoteado, encarcerado no interior, obrigado a desenvolver-se e desvincular-se dentro de si mesmo: é isso, nada mais que isso, em seus inícios, a má consciência” (NIETZSCHE, 1998, p.83). A má consciência seria, portanto, o conflito interior ao homem entre os instintos naturais e as leis da sociedade.

Em relação aos ideais ascéticos, Nietzsche afirma que servem principalmente para frear os instintos, sendo “[...] as três palavras mágicas do ideal ascético: pobreza, humildade, castidade” (NIETZSCHE, 1998, p. 106). Tem sua origem principalmente no instinto de proteção e salvação. Diretamente relacionado ao ressentimento, procura encontrar outro que seja culpado pela dor que o indivíduo sente.

A moral, ou princípios morais, surgiria como remédio para o ressentimento e a principal forma como as religiões agem. O sentimento de culpa, de dívida seria “[...] a primeira indicação relativa à “causa” de seu sofrimento: deve procurá-la em si mesmo, numa falta cometida no passado, deve aceitar o sofrimento como um estado de castigo [...]” (NIETZSCHE, 1998, p 135).

2.7. Sartre e a responsabilidade

O texto Existencialismo é um Humanismo de Sartre é apresentado como pano de fundo para defender o Existencialismo de diversas críticas que lhe foram imputadas, sendo esta filosofia “[...] fruto de uma liberdade sem limites, absoluta e incondicionada: de uma liberdade que faz do homem uma espécie de Deus criador do seu mundo e o torna responsável pelo mundo” (ABBAGNANO, 1998, p. 404).

A discussão moral que surge desta concepção possui como primeiro princípio a ideia que o homem é aquilo que ele faz de si mesmo. Afirmar que a existência precede a essência

Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialismo o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo, Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. (SARTRE, 1987, p. 6).

O homem enquanto projeto parte de uma decisão consciente e todo querer é posterior a formação de sua subjetividade, daquilo que escolheu para si. Consequentemente, “o homem é responsável pelo que é.” (SARTRE, 1987, p. 6). Toda escolha, toda decisão pauta-se na responsabilidade inerente às ações, não só por se relacionam a sua individualidade, mas também por se relacionarem com todos os demais indivíduos.

Quando cada indivíduo escolhe necessariamente está escolhendo por todos demais indivíduos, pois “[...] nada pode ser bom para nós sem o ser para todos.” (SARTRE, 1987, p. 7).

Devido a responsabilidade, surge a angústia, pois o indivíduo compreende que não pode escapar desta responsabilidade de escolher para si e para toda a humanidade. Uma ação boa está condicionada a interpretação e escolha do indivíduo. A angústia faz parte da própria ação, não sendo ela um empecilho para agir, mas sim fazendo parte da própria decisão.

A concepção existencialista pressupõe necessariamente a liberdade do indivíduo, e nesta medida implica na liberdade de todos. Se existência precede a essência, não existe um determinismo que predispõem a ação de cada um de nós. Esta é a explicação para a afirmação

[...] que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo. E como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo que faz... Pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante. (SARTRE, 1987, p. 9)

A ideia de angústia traz consigo o conceito de desamparo. Todo indivíduo é livre e não existe nada que possa apoiá-lo em suas decisões, nem natureza humana nem uma moral precedente.

O existencialismo se caracteriza, portanto, em uma moral da ação e do engajamento, pois só é possível o homem se definir por meio das ações possíveis e escolhidas por si. Esta definição é construída de forma permanente. Não é possível não escolher, pois este ato por si só já é uma escolha.

O humanismo existencialista se configura como universo da “subjetividade humana” (SARTRE, 1987, p. 2). O homem, por meio da escolha, da liberdade, da responsabilidade, se constitui como universo humano.

3 – ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

As atividades estão organizadas de forma a contemplar a metodologia indicada no Projeto de Implementação Pedagógica, isto é a pesquisa-ação, definida como (Thiollent, 1985, apud Gil, 2002, p. 55)

"[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo."

As etapas delineadas para a metodologia pesquisa-ação e seu caráter flexível (GIL, 2002) e os encaminhamentos metodológicos indicados pelas Diretrizes Curriculares Orientadoras (SEED, 2008) norteiam as atividades as atividades que serão desenvolvidas.

Atividade 1: Análise de conhecimentos prévios

Duração: 4h/a

Objetivo: explicitar as atividades propostas e identificar ponto de partida para os debates com os alunos.

Desenvolvimento: no primeiro encontro com o público alvo o professor explicará o contexto do projeto, suas intencionalidades e propostas

metodológicas. Posteriormente, realizará análise dos conhecimentos prévios sobre o tema estudado por meio de elaboração de texto pelos alunos.

A partir da análise das produções dos alunos, o professor realizará uma breve explanação sobre as principais discussões sobre Ética utilizando como referencial a fundamentação teórica sugerida no **Material Didático**.

Devemos destacar que este é o primeiro contato do aluno com o tema proposto, portanto, este ainda não possui referencial conceitual para realizar as análises e discussões. Esta primeira explanação servirá como subsídio e roteiro para leitura e interpretação das Histórias em Quadrinhos.

Avaliação: debate e análise dos conhecimentos prévios dos alunos.

Sugestões: para análise dos conhecimentos prévios solicitar aos alunos a elaboração de um texto, no máximo 1 (uma) lauda, tendo como ponto de partida as seguintes perguntas: Qual a distinção entre moral e Ética? O que é ser ético? Quais assuntos estão relacionados com a Ética? O que ou quem decide o que é certo ou errado?

Caso o professor compreenda que seja oportuno de acordo com o público alvo, esta ação pode ser realizada oralmente por meio de debate coletivo, sendo necessária neste caso, a anotação dos principais apontamentos que poderão ser utilizados em outros debates.

Síntese da atividade:

- a) Explicação sobre contexto do projeto;
- b) Elaboração de textos pelos alunos;
- c) Análise dos conhecimentos prévios dos alunos, a partir da produção realizada;
- d) Explanação sobre as principais discussões sobre Ética.

Atividade 2 - Leitura de Histórias em Quadrinhos

Duração: 6h/a

Objetivo: Mobilização para o conhecimento e Problematização.

Desenvolvimento: o professor deverá realizar seleção prévia de Histórias em Quadrinhos para leitura em sala de aula. É imprescindível realizar esta seleção com cautela, tendo em vista que ela será o ponto de partida para identificação de problemas éticos estudados pela tradição filosófica e momento de estabelecer o campo de investigação da Ética. Este é o momento de mobilização dos alunos para o conhecimento. O objetivo desta atividade é identificar os

problemas ou dilemas éticos contidos nestas produções e que podem ser transportados para a realidade escolar. Separar os alunos em grupos de leitura, fornecendo o material necessário para realização da atividade. Os grupos formados serão base para a realização da **Atividade 5**. Cada grupo deverá eleger 1 (um) relator que será responsável por sintetizar os questionamentos e dúvidas apontadas pelo grupo. O relatório produzido deverá ser entregue por escrito. A partir desta leitura será realizada a reflexão propriamente filosófica sobre o tema proposto. Em complemento a leitura, será exibido o recorte de 1 (um) filme baseado em História em Quadrinho para identificação dos problemas apontados pela leitura. Esta análise deve ser realizada coletivamente.

Avaliação: debate e discussão sobre as questões éticas devem acontecer de maneira espontânea, sem a preocupação de explicar conceitos. A avaliação também pode ser realizada por meio dos relatórios produzidos nos grupos e pelos debates coletivos.

Sugestões: o material utilizado dependerá da disponibilidade no acervo da biblioteca escolar ou dos participantes envolvidos. Como sugestão, indicamos a leitura da minissérie Desafio Infinito da Marvel Comics. Nesta produção aparecem alguns dos principais personagens do universo Marvel tais como integrantes dos Vingadores, Mulher-Hulk, Quasar, Epoch, Krees, Doutor Estranho, Hank Pym, Surfista Prateado, Doutor Destino, Drax - O Destruidor, Senhor do Fogo, Thanos, Mefisto, Morte, Nebulosa, Capitão América, Odin, Adam Warlock, Galactus, Manto, Wolverine, Vingadores da Costa Oeste, Homem de Ferro, Tocha Humana I, Feiticeira Escarlate, Nick Fury, Viúva Negra II, entre outros. O vilão Thanos, após conseguir a posse das Jóias do Infinito, desenvolve seu plano para conquistar o universo para agradar a Lady Morte. Algumas questões surgem no embate entre o vilão e os super-heróis durante toda a aventura nas ações e falas dos personagens: O que fazer quando temos poder? O que é liberdade? Mesmo não podendo ajudar, por que devo tentar? Mesmo podendo morrer ainda devo agir? Justiça é a lei do forte? Quem dita as circunstâncias? Qual o papel das emoções? Devo me livrar das emoções? Para ser ético basta sabedoria? O que é o bem supremo? Poder traz responsabilidade?

O filme Guardiões da Galáxia, dirigido por James Gunn, possui como

eixo central a busca das Jóias do Infinito por Thanos. Quando o Senhor das Estrelas descobre que a esfera que havia roubado possui um poder capaz de mudar o universo, decide com seu grupo que deverá proteger o objeto para salvar todos os habitantes da galáxia. O pano de fundo do filme está diretamente relacionado à minissérie Desafio Infinito, sendo possível realizar os mesmos questionamentos observados na leitura.

Síntese da atividade:

- a) Seleção prévia das Histórias em Quadrinhos;
- b) Separar os alunos em grupos de leitura;
- c) Eleger um relator por grupo;
- d) Leitura das Histórias em Quadrinhos;
- e) Exibição de trecho de filme;
- j) Debate e análise dos problemas identificados.

Atividade 3 – Leitura e debate dos textos clássicos

Duração: 10h/a

Objetivo: Investigação

Desenvolvimento: Após a seleção prévia de textos clássicos da Filosofia a partir da fundamentação teórica sugerida neste estudo, será realizada a investigação propriamente filosófica. Nesta atividade serão apresentados os pensadores da tradição filosófica que contribuem para as discussões e possibilidades de resolução dos problemas levantados na etapa anterior. Antes da leitura de cada texto o professor deve explicar a importância de cada filósofo, suas principais contribuições para a história da Filosofia, bem como seu contexto histórico. Os debates resultantes da leitura permitirão iniciar a análise dos problemas identificados no contexto escolar. Devido a limitação de tempo necessário para leitura completa das obras, o professor deverá selecionar trechos dos textos para leitura em sala de aula. Como subsídio para interpretação dos textos e explicação dos principais conceitos filosóficos de cada autor, devemos utilizar como referencial a fundamentação teórica sugerida no **Material Didático**. Cada grupo formado na **Atividade 2** deverá indicar um novo relator para sintetizar os principais conceitos debatidos e conclusões apontadas nas discussões. Ao final da leitura de cada texto, os grupos deverão se reunir separadamente para análise e revisão do relatório do grupo, que deverá ser entregue por escrito. O

texto produzido pelos relatores será utilizado, após a leitura dos textos, para elaboração de uma síntese geral elaborada coletivamente sob a mediação do professor.

Avaliação: debate e discussão sobre as questões éticas presentes nos textos. Relatório produzido por cada grupo.

Sugestões: apresentar aos alunos antes da leitura um roteiro para auxiliar na interpretação dos textos, com algumas questões norteadoras: Qual o tema principal? Quais argumentos compõem o tema? Qual é a conclusão? O texto remete a acontecimentos recentes? Você se lembra de algo da sua realidade a respeito do tema? Qual é a importância do tema? Sublinhe as ideias principais.

Os textos utilizados como referências bibliográficas neste estudo e sugeridos para realização dos recortes são: a) Aristóteles: *Ética a Nicômaco*. Livro 1. Seções 1 a 4. b) Kant: *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Primeira seção. c) Nietzsche: *Genealogia da Moral*. Primeiro Tratado (“Bem e mal”-“Bom e mau”) seções 4 e 5. d) Sartre: *Existencialismo é um Humanismo*. Versão da *Antologia de Textos Filosóficos*, páginas 619 a 621.

Nesta atividade é necessário que cada aluno possua uma cópia do texto que será lido. Dependendo da realidade de cada professor, os textos selecionados podem ser os contidos nos Livros Didáticos disponibilizados aos alunos no início do ano letivo ou que compõe a biblioteca escolar, neste caso sugerimos o livro *Antologia de Textos Filosóficos*, também disponível em meio eletrônico no Portal Dia a Dia Educação através do link: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/caderno_filo.pdf

No livro *Antologia de Textos Filosóficos* podemos utilizar como seleção de textos para realização de recortes: a) Aristóteles: Trecho do livro III da *Política*, que define o que é cidadão. Páginas 74 a 78; b) Kant: *Resposta à Questão: O que é esclarecimento?* Páginas 406 a 415; c) Nietzsche: *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Páginas 530 a 541; d) Sartre: *O existencialismo é um humanismo*. Páginas 616 a 639.

Síntese da atividade:

- a) Seleção prévia dos textos clássicos e recortes;
- b) Contextualização de cada filósofo;
- c) Indicação de novo relator de grupo;
- d) Leitura dos textos;
- e) Análise e revisão do relatório do grupo;
- j) Síntese geral da turma.

Atividade 4 – Análise dos problemas do contexto escolar

Duração: 4h/a

Objetivo: Criação de conceitos.

Desenvolvimento: momento em que os problemas e conceitos estudados e debatidos serão transportados para a análise da sociedade e realidade escolar. Esta ação permite identificar os conceitos morais presentes nas Histórias em Quadrinhos, além de estabelecer sua relação com o cotidiano escolar por meio de sua problematização e fundamentação teórica fornecida pela leitura dos textos clássicos da Filosofia.

Nesta atividade, a partir das orientações do professor, cada aluno deverá sintetizar suas observações sobre as situações do seu cotidiano e relacioná-las com os temas abordados nas Atividades 2 e 3. Esta reflexão deverá resultar na produção de uma dissertação-argumentativa.

Avaliação: análise das produções individuais dos alunos.

Sugestões: para realização desta atividade é interessante que o professor de Filosofia e o professor de Língua Portuguesa elaborem em conjunto as orientações necessárias para a produção de uma dissertação-argumentativa, tendo em vista que esta ação poderá auxiliar o aluno em outras atividades, estabelecendo uma visão de unidade entre as diferentes disciplinas. Para a produção, o aluno deverá selecionar situação problema do cotidiano relacionado ao tema Ética e escolher uma tese, conseqüentemente uma abordagem e argumentação a partir das discussões realizadas nas atividades anteriores.

Síntese da atividade:

- a) Orientações para produção de dissertação-argumentativa;
- b) Produção de texto individual.

Atividade 5 – Seminários

Duração: 4h/a

Objetivo: criação de conceitos

Desenvolvimento: a partir dos relatórios produzidos pelos grupos nas atividades anteriores, nos relatórios coletivos e fundamentação teórica estudada cada grupo (definidos na **Atividade 2**) deverá indicar e desenvolver uma interpretação dos problemas contidos na sociedade ou cotidiano escolar, selecionados a partir das teses propostas nas produções individuais. Os resultados serão apresentados em forma de seminário, a partir da orientação do professor. O objetivo desta atividade é integrar os diferentes pensamentos e analisar quais são as divergências e convergências das interpretações e qual a possibilidade de uma compreensão geral dos temas debatidos. A produção realizada nos seminários será o enredo utilizado para produção de Histórias em Quadrinhos na **Atividade 6**.

Avaliação: análise dos seminários.

Sugestões: os materiais necessários para organização dos seminários já foram disponibilizados e produzidos nas atividades anteriores. Caberá a cada grupo sintetizar as discussões e propostas para apresentação em sala de aula. É importante que o professor realize uma explanação ao final das apresentações apontando quais foram os pontos positivos e negativos das apresentações utilizando como parâmetro a fundamentação teórica utilizada pelos alunos.

Síntese da atividade:

- a) Orientações para organização dos seminários;
- b) Apresentação dos seminários;
- c) Síntese das apresentações.

Atividade 6 – Produção de Histórias em Quadrinhos

Duração: 4h/a

Objetivo: socialização das produções e debates realizados em sala de aula.

Desenvolvimento: esta atividade, em conjunto com a criação de conceitos, refere-se às possibilidades de intervenção, contribuição, participação dos alunos em relação as questões éticas postas em sociedade e contexto

escolar de acordo com os temas, problemas e contribuições estudadas. É o resultado das análises realizadas individualmente e coletivamente durante todo o processo de desenvolvimento do projeto. Para sua realização o professor de Filosofia deverá, preferencialmente, em conjunto com o professor de Língua Portuguesa, orientar aos alunos quanto a estrutura que compõe o gênero textual História em Quadrinhos. As histórias em quadrinhos utilizadas na **Atividade 2** devem ser utilizadas como modelo de estrutura para produção que será realizada. A carga horária destinada nesta atividade refere-se ao tempo necessário para as orientações para a produção e exibição da produção final, realizada por cada grupo definido nas atividades anteriores. O conteúdo dos seminários apresentados na **Atividade 5** deverá fornecer o enredo para as produções, que serão exibidas para as demais turmas do Estabelecimento de Ensino.

Avaliação: análise das produções

Sugestões: para a realização desta atividade indicaremos um roteiro para a produção das histórias em quadrinhos. O objetivo é que os alunos consigam expor as discussões realizadas e suas interpretações para os demais alunos da turma e do Estabelecimento de Ensino com o mesmo recurso de mobilização para o conhecimento utilizado neste projeto. A partir deste roteiro, os alunos além de produzir uma narrativa visual que empregue imagens e palavras (DUTRA, 2014), poderão também produzir uma animação ou vídeo, dependendo dos recursos disponíveis na escola. Como subsídios quanto à estrutura, imagens e elementos linguísticos que compõe as Histórias em Quadrinhos indicamos a Produção Didático-Pedagógica disponível no link:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uenp_port_pdp_elissandra_eliza_calixto_dutra.pdf

Como ponto de partida para elaboração do roteiro, indicamos como organização as orientações do texto Oficina de Produção de Vídeos elaborado pela TV Escola, realizando as adaptações necessárias para atender ao formato das Histórias em Quadrinhos (imagem, animação ou vídeo) escolhido pelos alunos. O referido texto está disponível no link:

https://drive.google.com/file/d/0B8KEDrC78_Rlb2UyRENmOHNWRXc/view?usp=sharing

Elementos que devem compor o roteiro:

1 – O que fazer?

Escolher o tema, faça um recorte e elabore uma sinopse.

2 – Qual a finalidade?

Ponto de vista sobre o tema, importância de se falar sobre o tema, ideia que será defendida.

3 – Para quem?

Escolher público-alvo, definir o perfil dele, investigar o que o público-alvo sabe sobre o tema.

4 – O que produzir?

Definir se a produção será em forma de imagem (estrutura de história em quadrinho, animação ou vídeo), personagens e onde se passa a história.

Os materiais produzidos pelos alunos serão exibidos primeiramente em sala de aula e, posteriormente expostos para os demais alunos do Estabelecimento de Ensino conforme os eventos culturais previstos no Projeto Político Pedagógico.

Síntese da atividade:

- a) Orientações para produção de histórias em quadrinhos;
- b) Apresentação das produções em sala de aula;
- c) Análise das produções;
- d) Exposição em eventos culturais.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. br. Mário Gama Kury. 3ª Edição, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

BARI, Valéria Aparecida. **O POTENCIAL DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DE LEITORES: BUSCA DE UM CONTRAPONTO ENTRE OS PANORAMAS CULTURAIS BRASILEIRO E EUROPEU**. 2008. 420 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27042009-121512/en.php>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

CALLARI, Victor. Política e terrorismo na série Guerra Civil da Marvel Comics. **Domínios da Imagem**, [s.l.], v. 8, n. 16, p.146-167, 22 dez. 2014.

Universidade Estadual de Londrina. <http://dx.doi.org/10.5433/2237-9126.2014v8n16p146>.

DALAZOANA, Elida. **A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO NA CONSTRUÇÃO DO SABER HISTÓRICO**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE, 2013. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em 21/04/2016.

DESAFIO INFINITO. São Paulo: Editora Abril, mar. 1995.

DUTRA, Elissandra Eliza Calixto. **O uso das histórias em quadrinhos na aula de Língua Portuguesa**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uenp_port_pdp_elissandra_eliza_calixto_dutra.pdf. Acesso em: 10/11/16. ISBN 978-85-8015-079-7

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição, São Paulo: Atlas, 2002.

GUARDIÕES DA GALÁXIA. Direção: James Gunn. EUA: Marvel Studios, 2014. 120min.

GUERRA CIVIL. São Paulo: Panini Brasil, n.1, jul. 2007.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad: Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

MENDONÇA, João Marcos Parreira. **O ENSINO DA ARTE E A PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arte, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VPQZ-6ZGJWC>>.

Acesso em: 17 jun. 2016.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PALHARES, Marjory Cristiane. **HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UMA**

FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <
www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 21/04/2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **ANTOLOGIA DE TEXTOS FILOSÓFICOS.** Curitiba: SEED, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Pública Estadual do Paraná.** Filosofia. Curitiba: Seed/DEB, 2008.

SARTRE, J. **Existencialismo é um Humanismo.** (Coleção Os Pensadores – vol. XLV). São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.

SILVA, Rafael Laytynher. A CONTRIBUIÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DE SUPER-HERÓIS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p.1-12, nov. 2011. Disponível em: <
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/issue/view/566>>.

Acesso em: 28 jun. 2016.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. OS SUPER-HERÓIS E ESTA TAL DE FILOSOFIA. **Revista de Educação do IDEAU**, Getúlio Vargas, v. 7, n.15, p. 1-13, jun. 2012. Disponível em: <
<http://www.ideau.com.br/getulio/anterior/index/5/REI+04062012> >. Acesso em: 28 jun. 2016.